

UMA COISA NA ORDEM DAS COISAS

ESTUDOS PARA OFÉLIA PAIVA MONTEIRO

CARLOS REIS
JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES
MARIA HELENA SANTANA

COORD.

IMPRENSA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA
UNIVERSITY
PRESS

EURÍPIDES, IFIGÉNIA ENTRE OS TAUROS
ELEMENTOS NOVELESCOS NUMA
TRAGÉDIA FINISSECLAR

Há mitos e figuras que polarizam, ao longo do percurso de produção de um dramaturgo, o seu imaginário poético: o de Sófocles foi marcado pela figura do cego que vê; o de Eurípides, pelo mito de Tróia e por figuras femininas como Hécuba, Helena, Ifigénia. É perceptível que Eurípides, ainda que tivesse trabalhado sob o pressuposto da versão mitológica do mito de Agamémnon e do sacrifício de Ifigénia a que Ésquilo ou Sófocles recorreram, se sentiu profundamente atraído pela versão que viria a explorar, dramaturgicamente, no fim da sua vida, em *Ifigénia em Áulide*: uma versão provavelmente local e que parece estar já documentada nos *Cantos Cíprios*¹. A donzela prestes a ser sacrificada por seu pai, por exigência divina, mas que, por clemência dos próprios deuses, é subtraída ao sacrifício e adequadamente substituída por um animal, parece fazer parte do imaginário mítico do Mediterrâneo Oriental. Recorde-se, por exemplo, o sacrifício de Isaac, exigido a Abraão por Javeh que, no último instante, substitui também o jovem por um animal, no momento em que está já provada a fidelidade do patriarca hebraico.

No entanto, o caso de Ifigénia é algo diverso, pelo menos na dramaturgia euripídiana. Explorado este motivo como sacrifício voluntário – tema tão do gosto do tragediógrafo –, ele tem o seguinte efeito: no momento em que a ação, conduzida pelos senhores da guerra, chegou a uma situação aporética, depois

¹ Esta peça viria a ser representada na Grandes Dionísias em 406 ou 405 a. C., juntamente com *Alcméon em Corinto* (composto provavelmente no final da década anterior, próximo de *Helena* e de *Íon*) e *Bacantes*, por iniciativa de um filho de Eurípides, pouco tempo após a morte do dramaturgo, de acordo com a informação de um escólio a Aristófanes, *Rãs*, 67.